Desporto – Talvez um tutor para a vida

«Tudo quanto sei com maior certeza sobre a moral e as obrigações dos homens devo-o ao futebol.» Referia, assim, Alberto Camus, nobel da literatura, entusiasta do desporto. Devemos fazer nossa esta corrente de pensamento, pois a vida e o desporto não são polos opostos, não se constituem antónimos, mas completam-se mutuamente.

Qualquer desporto exige esforço, dedicação e em cada jogo há momentos de euforia e de derrota, que pouco distam um do outro – pequena ou quase nula é a diferença entre aquilo que nos deixa alegres e aquilo que nos deixa tristes. E o que é a vida, senão um jogo, sem treinos, no qual o objetivo não é simplesmente ganhar, mas sim resistir e continuar, sempre, continuar… O que é a vida senão uma sinusoide para galgar, uma escadaria cujo fim é impossível ver… Como seria esta corrida, cujo objetivo é determinado por cada um, se não houvesse ninguém para nos apoiar, se não houvesse um adversário que nos fizesse continuar a correr, se não houvesse alguém, apenas alguém? Assim devemos ver o desporto, olhando o adversário como um incentivo para melhorar e continuar.

A competição é uma música, que não pode ser cantada a solo, pois exige mais vozes, que compitam e que procurem a perfeição, mas que não a procurem prejudicando os outros, mas melhorando-se a si próprios, não olvidando que a música dos outros também é a sua música e, que a beleza da mesma dependerá da qualidade de todos os elementos e não de um elemento singular. Por isto, uma voz não se deve sobrepor às outras pelo volume (pela arrogância, sobrançaria e jactância), mas sim pela melodia da voz que se transforma à medida que se evolui. Deste modo, quanto maior for a competição e a entreajuda mais bela e perfeita será a sinfonia conseguida.

Ganhar ou perder com dignidade não se trata apenas de conquistar ou ser derrotado. Ganhar ou perder com dignidade depende, em todas as competições da vida, da atitude como encaramos a competição desde o seu início; depende da forma como interagimos com as situações - boas ou más - e também do nosso estado de espírito em competição, que deve condizer com a verdadeira essência do desporto.

É certo que para atingir um elevado grau de proficiência em qualquer modalidade desportiva é necessário empenho, trabalho, paixão, o usual “sangue, suor e lágrimas”. Apesar de tudo, na realidade, não será mais difícil e talvez mais profícuo atingir a mestria no que toca à ética desportiva, à forma como encaramos o desporto? Talvez fosse por isto que Alberto Camus referia que o seu grande tutor de moral e obrigações (das quais se devem fazer atos livres e espontâneos) tenha sido o futebol…

Galguemos, pois, esta corrida sem meta, apenas com altos e baixos e, se lhe quiserem chamar metas volantes, força, não me oponho…
Toquemos estas notas, que se fazem e refazem, da qual a melodia apenas depende de nós, construamos, pois, esta música e, se lhe quiserem chamar desporto, força, não me oponho...

Diogo Nascimento
Agrupamento de Escolas de Murça